

CHAFARIZ do Largo do Rosário: Amaral Santos contesta Jolumá. Correio Popular, Campinas, 29 mar. 1972.

Chafariz do Largo do Rosário: Amaral Santos contesta Jolumá

Do professor Amaral Santos, nosso colaborador, recebemos ontem a seguinte carta, a propósito da entrevista que nos concedeu o sr. João Batista de Sá (Jolumá Brito) em torno do chafariz do Largo do Pará:

O Chafariz do Largo do Pará e as considerações do sr. Jolumá Brito:

Ilmos. srs. Redatores do Correio Popular:

Li hoje os considerandos históricos do sr. Jolumá Brito em torno da origem e fatura do velho chafariz do Largo do Pará.

S.S. dando rédea solta à fantasia (inimiga numero um dos historiadores), dá a entender ter vindo o chafariz da Inglaterra, como vinha a manteiga da Irlanda e a batata da Holanda. Se o ilustre historiador se tivesse dado ao trabalho de locomover-se até o jardim do Pará lá leria na placa afixada na base do chafariz estes dizeres: "Cia. Mc Hardy — Fabricante — 1894 — Campinas".

Foram os artifices-modeladores da secção de fundição da Companhia Mc Hardy os traçadores daquela obra de arte que, agora, pretendem levar para o alto do Chapadão.

S.S. como bom historiador diz que não tem a certeza se

A Inglaterra não nos mandava chafarizes, o que ela nos mandou foram as tubulações de ferro fundido para a instalação da primeira rede de águas e esgotos da cidade, e disso eu tenho a plena certeza, porque quem dirigiu a descarga de todo esse material em Santos foi meu pai, homem de confiança do engenheiro Roberto Normanton e dos diretores da Companhia Campineira de Águas e Esgotos: Bento Quirino dos Santos e Francisco de Sales Oliveira, este ultimo que sucedeu ao inglês na direção das obras de implantação da rede de águas e esgotos.

Para a modelagem de uma obra artística como o chafariz da Praça Visconde de Inhaúma nós tínhamos aqui, na velha Mc Hardy, os artistas modeladores que podiam competir com os melhores da Europa.

Em defesa desses antigos artifices é que faço estes reparos às fantasiosas cogitações do historiador Jolumá Brito, homem que muito respeito pela capacidade de trabalho e devotamento às coisas desta cidade que nos foi berço.

Et voila justement comme on écrit l'histoire!

Muito grato pela publicação destas linhas se confessa o humilde devedor

Amaral Santos.

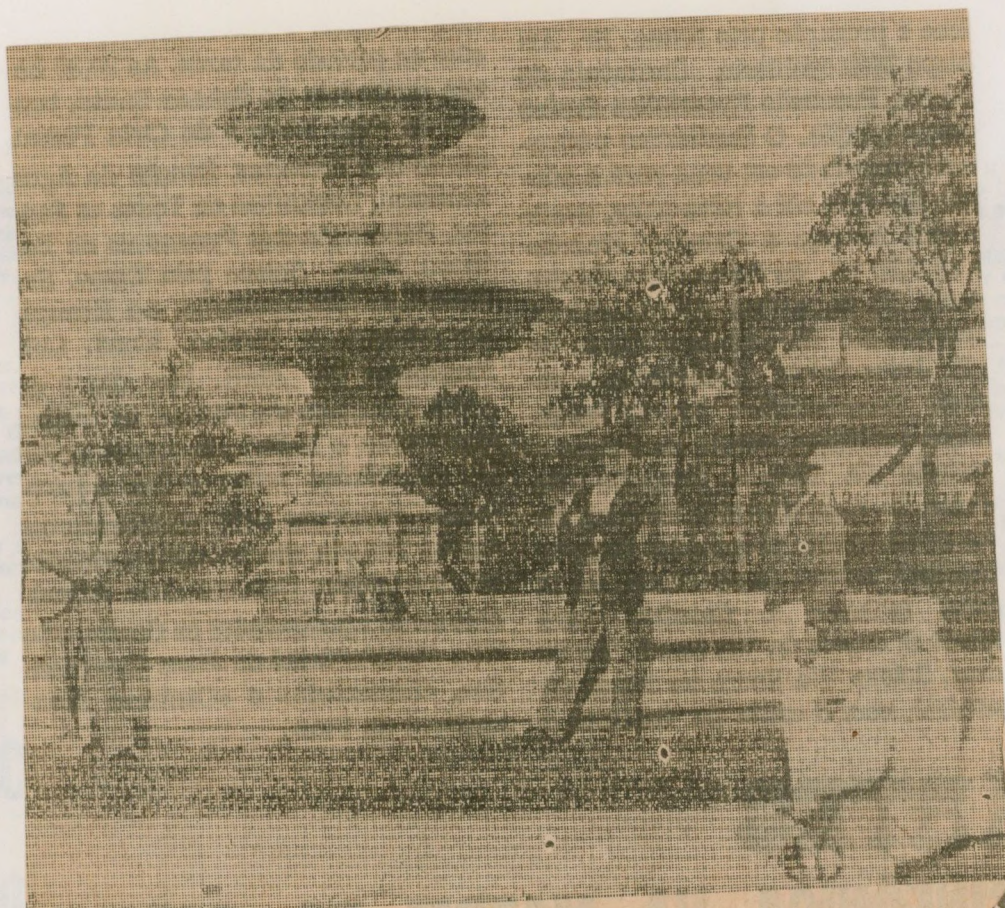
o chafariz do Pará é o mesmo que estava no largo do Rosário. Pois, é o mesmo, digo eu que não sou historiador, mas me assentei muitas vezes, quando menino, nos rebordos do velho tanque que recebia as suas águas naquela praça lindamente ajardinada.

Fala Jolumá num sr. Amaral, da comissão encarregada de construir um chafariz no velho largo. Devia com certeza ser Quirino do Amaral Campos, meu antepassado que foi vereador no quadriênio de 1845-1848.

Mas o chafariz instalado pela comissão supra dita já não existia em 1890 conforme se pode ver por uma fotografia datada deste ano e que o saudoso José de Castro Mendes estampou a página 227 do seu belíssimo livro: "Retratos da Velha Campinas".

Esse chafariz devia ser de pedra e cimento como o eram todos os daqueles tempos.

O Largo do Rosario, como nós o vimos na nossa infância e mocidade, foi traçado, ajardinado e inaugurado, no ano de 1895 e, por sinal, num 15 de novembro que não era feriado, mas foi dia de festa na Campinas de então. A data de 1894, na placa afixada na base do chafariz, indica o ano em que foi terminado na fundição da Cia. Mc Hardy.



O chafariz existente no Largo do Pará, quando se encontrava no Largo de Rosário (foto de 1900)